

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 7 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

PAULO E A ANSIEDADE QUE AGRADA A DEUS

Paul and the anxiety which pleases God

Dr^{ando} Edmar dos Santos Pedrosa¹

RESUMO

Assim como tantas pessoas descritas na escritura sagrada, Paulo, o apóstolo da graça, viveu intensamente todas as fases de sua vida. Quando foi chamado pessoalmente por Jesus no caminho para Damasco, começou a experimentar toda sorte de provações e perseguições que o levaram, inclusive, a quase desistir da própria vida. Ficou ansioso constantemente, às vezes com ares de sofrer patologicamente disso e, em outras, demonstrou não passar de um sentimento de nostalgia e saudade do céu, que, como ele mesmo confirmou, chegou a conhecer em vida. Existe, sim, uma ansiedade que pode ser abençoadora por Deus, desde que essa ligue a pessoa a Ele e ao desejo de buscá-lo e servi-lo como se vivesse o céu, de maneira precária, é claro, ainda enquanto habita a terra. Paulo foi assim, um homem ansioso por Deus.

Palavras-chaves: Ansiedade. Paulo. Nostalgia. Patologia.

¹Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Doutorando em Tocoginecologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

ABSTRACT

The Bible described many people, one of them, the grace apostle, Paul. He lived intensely every phase of his life. When he was, personally, called by Jesus on the way to Damascus, he began to experience all sorts of trials and persecutions that even led him to consider to give up his own life. He was constantly anxious, sometimes with appearance of suffering from a pathologically, and in others, he proved to be feeling of nostalgia and missing heaven, which, as he himself confirmed, he known during his life. There is an anxiety which can be blessed by God. But it should connect the person to God and the genuine desire to seek for Him and serve Him more and more as if He were living in heaven, even while living in the land. Paul was like that, an anxious man seek for God.

Keywords: Anxiety. Paul. Nostalgia. Pathology.

INTRODUÇÃO

Talvez a doença deste século seja mesmo a depressão e, como tal, pode estar alcançando altos índices de letalidade, seja entre jovens de tenra idade por falta de enxergarem um futuro que se abre adiante ou entre idosos que já estão lá, contudo, ressentidos do passado que tiveram. Uma das causadoras deste mal, por certo, é a ansiedade - patologia para alguns, motivação de vida e chance de crescimento para outros.

Saulo de Tarso ou Paulo², como é comumente conhecido, parece ter experimentado variadas vezes, durante seu ministério evangelístico, a ambas essas emoções. Para compreender o tema, importante se faz conceituar o que vem a ser a ansiedade sob a óptica médica e, acima de tudo, psicológica. Quais sintomas ela manifesta e se Paulo as demonstrou bem como diagnosticá-la

² “Então Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para Elimas e disse:” (At 13.9). Ou seja, até este versículo, o apóstolo era chamado de Saulo, a partir de então passou a ser chamado de Paulo. Na verdade, não houve uma troca de nomes, o que de fato a Bíblia diz era que ele tinha dois nomes diferentes, fato comum para um judeu que também tinha cidadania romana, como era o caso de Paulo. O nome hebreu dado de seus pais a ele era Saulo, mas, como seu pai era um cidadão romano (e, no entanto, Saulo herdou a cidadania romana), Saulo também tinha o nome latino “Paulo”, o costume de dois nomes começou a se tornar comum nessa época. Como ele nasceu em um ambiente fariseu rigoroso, o nome Saulo era o nome mais adequado para usar. Mas depois de sua conversão, Saulo decidiu usar seu nome latino para anunciar o Evangelho aos gentios e assim começou a ficar conhecido como Paulo. Disponível em <http://www.acheinabiblia.com.br/2015/07/saulo-teve-realmente-seu-nome-para-paulo.html>. Acesso em 19 jan. 2018.

e, acima de tudo, como tratá-la corretamente quando estiver instalada em alguém é algo que merece detida análise.

Por analogia, outros importantes personagens bíblicos merecerão ser mencionados a fim de se lançar luz sobre um tema tão importante e, mais do que constatar se experimentaram ou não tal emoção em suas vidas, enxergar como lidaram e venceram esse mal, será o foco mais importante. Jesus se apresentará mais uma vez, como digno paradigma a ser seguido.

Fazer um escrutínio das emoções paulinas, ainda que muitas vezes superficialmente, será o propósito aqui. Tantas vezes ele se mostrou ambíguo em suas emoções e decisões, muitas das quais veio a se arrepender depois – e não teve vergonha de confessá-las para registro perpétuo. Outras tantas emoções que experimentou beiraram o desânimo, a falta de esperança e de alegria, e não raras vezes, parece ter demonstrado uma falta de sentido naquilo que fazia, pois, outrora, agia opostamente ao que pregava o cristianismo, sendo ensinado e treinado para executar sua cruel função de perseguidor – e a fez bem.

Entretanto, ele venceu suas lutas pessoais pela fé. Demonstrou uma convicção na eternidade e no seu chamado pessoal por Deus que chega a impactar qualquer leitor de sua breve e bela biografia. Às vezes, ele precisou de muita força de vontade, outras de amigos bem achegados e, por fim, de amparo direto e pessoal do próprio Deus, senão possivelmente sucumbiria às doenças da alma e, assim sendo, poderia chegar ao extremo que elas podem conduzir uma pessoa – a morte.

A ansiedade que sentiu foi algo que beirou a discrição em alguns momentos, porém, em outros, chegou a saltar aos olhos do mais leigo leitor, provocando um sentimento de pena daquele homem que soube como ninguém o que significou sofrer pelo nome de Cristo. Mas sagrou-se vencedor e, como ele mesmo afirmou em seu derradeiro escrito poucos dias antes de ser executado, guardou a fé e acabou a carreira combatendo o bom combate e, para isso, precisou lutar contra muitos inimigos, inclusive, contra o pior de todos – sua ansiedade, ou seja, ele próprio!

1. BREVE DEFINIÇÃO DE ANSIEDADE

A literatura médica e psicológica define bem o que vem a ser esta patologia. É reconhecida como sendo uma síndrome, uma vez que apresenta um conjunto

de sinais e sintomas que se agrupam de forma recorrente. Para diagnosticar se alguém padece deste mal, é necessário verificar se os sintomas ansiosos causam sofrimento clinicamente significativo e prejudicam a vida social e ocupacional do indivíduo.³

Para alguns especialistas, a ansiedade ocorre diante de uma visão catastrófica dos eventos, anunciando que algo perigoso e ameaçador pode acontecer. As pessoas com altos níveis de ansiedade apresentam uma tendência de antecipar sua inabilidade e questionar suas habilidades intelectuais.⁴

Em situações emocionais, o ser humano pode experimentar basicamente três emoções principais em resposta a uma situação ameaçadora: raiva dirigida para fora (o equivalente à cólera), raiva dirigida contra si mesmo (depressão) e ansiedade ou medo.⁵ Encontrando-se em estado de alerta, o organismo reage com um comportamento de fuga ou de ataque ao agente estressor. Ainda que esta reação seja exacerbada com uma descarga de hormônios mais elevada, poderá ser considerada normal, se logo após esta fase de excitação retornar a seu estado de equilíbrio. No entanto, esta fase pode perdurar, envolvendo outros processos internos até a exaustão; desenvolve-se, então, uma patologia como, por exemplo, os transtornos de ansiedade.⁶

As síndromes de pânico são crises intensas de ansiedade, nas quais ocorre importante descarga do sistema nervoso autônomo. Assim, ocorrem sintomas como: batadeira ou taquicardia, suor frio, tremores, desconforto respiratório ou sensação de asfixia, náuseas, formigamentos em membros e/ou lábios.⁷ Há indícios de que o maior de todos os homens a pisar nesta terra tenha apresentado, pelo menos uma vez, sintomas de estar acometido por esta patologia.

1.1 JESUS CRISTO E A HEMATIDROSE⁸

Jesus sofreu algo parecido, que até os dias atuais aguça a curiosidade e

³ DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 301 e 304 respectivamente.

⁴ Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 351-359, mai./ago. 2006, p. 353.

⁵ McGAUCH, J. L.; WEINBERGER, N.M.; WHALEN, R. E. **Psicobiologia**: as bases biológicas do comportamento. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. 414 p.

⁶ SELYE, H. **Stress without distress**. Philadelphia: JB Lippincott, 1974.

⁷ DALGALARRONDO, 2008, p. 305.

⁸ *hemathidrosis* = (*hemat* [sangue] + *hidros* [suor]) = hematidrose, hematidrosis; hemidrose; *sudorsanguineus*; excreção de sangue ou pigmento sanguíneo no suor; distúrbio extremamente raro. Stedman's Medical Dictionary by Thomas Lathrop Stedman.

vem sendo objeto de estudos mais aprofundados para procurar entender suas causas. No Getsêmani, naqueles momentos que antecederam sua prisão, tortura e morte, o relato bíblico afirmou, especialmente em algumas versões mais antigas e literais, que Jesus afastou-se um pouco dos apóstolos para orar ao Pai, estando em um estado de abalo emocional: “E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue que corriam até ao chão”.⁹

Ele estava num estado de tensão e ansiedade máxima por saber o que viria a acontecer consigo logo mais. Atribui-se ao médico francês Dr. Barbet a conclusão de que tal ansiedade em grau tão avançado pode produzir o rompimento das finíssimas veias capilares que estão sob as glândulas sudoríparas. Desta forma, o sangue se mistura ao suor e se concentra sobre a pele e então escorre por todo o corpo até a terra.¹⁰

No início do século passado, Palhares fez um estudo bastante aprofundado sobre este fenômeno que, segundo ele concluiu, carecia de dados técnicos e científicos até então, pois os antigos falavam do suor de sangue e procuravam explicá-lo por uma alteração do sangue. Todavia, um século antes, os médicos atiravam a hematidrose para o domínio do maravilhoso, ou seja, do mistério e milagre.¹¹

Afirmou aquele médico português que, além de fenômenos gerais, a hematidrose apresenta indícios de agitação de todo o sistema nervoso, frequentemente fenômenos premonitórios, perturbações da sensibilidade ou da enervação vasomotora na região onde vai aparecer o suor de sangue. Para ele, acertadamente, o suor de sangue aparece por ocasião de uma emoção violenta. E assim ele complementou, que o fluxo sanguíneo oferece aspectos diversos: às vezes, o líquido, apenas róseo, forma uma camada muito fina; outras vezes, escoá-se em finas gotas; enfim, em alguns casos, escapa-se em jatos filiformes pelos poros da pele.¹²

Em detida análise ao texto sacro, o único evangelista que relatou aquele fato foi justamente um médico – Lucas. Observando-se a riqueza de detalhes

⁹ Cf. Lucas 22.44.

¹⁰ Disponível em <http://www.ebdonline.com.br/estudos/sofrimentocristo.htm> Acesso em 16 jan. 2018.

¹¹ Disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16737/3/114_3_EMC_I_01_P.pdf. Acesso em 16 jan. 2018. (PALHARES, 1903, p.104).

¹² PALHARES, Alfredo. **Suores mórbidos**. Famalicão: Typographia Minerva da Escola Médico Cirúrgica do Porto, 1903, p. 105.

daquela narrativa histórica, ele o fez com a decisão e presteza de um clínico. Ele mostrou que Jesus sentiu a necessidade de companhia humana naquele momento crucial que enfrentava, porém seus discípulos optaram pelo sono, tamanho era o cansaço e a tristeza que sentiam. O que viria a seguir, só o mestre conhecia previamente, tanto que sabia que eles precisariam estar em sintonia com Deus por meio da oração, pois a provação e tristeza que experimentaríamos brevemente seria grande – como de fato o foi.

Ao final daquele episódio, Jesus exclamou para que eles levantassem e orassem, uma vez que somente assim não entrariam em tentação¹³. No entanto, o tempo já havia se esgotado para isso. Logo em seguida a sua afirmação, os detentores, guiados e liderados por Judas, chegaram para prendê-lo, momento em que seus discípulos provocaram uma verdadeira turba¹⁴, solucionada pacificamente por Jesus, que, mesmo necessitando de encorajamento emocional minutos antes, acabou por amparar e consolar os seus seguidores.

Cumpriu, assim, o que se chama nos meios militares de manter ânimo forte e fé na missão mesmo diante de dificuldades, demonstrando persistência no trabalho para solucioná-las, o que nada mais é do que um valor ético no cumprimento da missão. Conforme afirmou Rocha certa vez, no tocante a este valor para com os militares, isso inclui o dever de reprimir imediatamente uma quebra da ordem social, Ele disse:

Mesmo diante destas dificuldades expostas e infinitudes de outras que surgirem, o militar tem o dever de agir de forma eficiente, sendo persistente em seu trabalho a fim de atingir ao bem comum. A missão de militar está diretamente ligada ao bem comum: nas diversas áreas de atuações policiais militares deverá ele esforçar-se para realizar o seu trabalho de forma eficaz e eficiente.¹⁵

Não se pode esquecer que a Bíblia retrata valores espirituais em suas

¹³ Cf. Lucas 22.46.

¹⁴ Turba: multidão em desordem. Reunião de pessoas que, sob estímulo de intensa excitação ou agitação, perdem o senso da razão e respeito à lei, e passam a obedecer a indivíduos que tomam a iniciativa de chefiar ações desatinadas. Uma aglomeração poderá se transformar em uma turba quando a totalidade dos seus membros estabelece um objetivo comum a atingir e manifesta intenção de realizá-lo, sem medir consequências. Disponível em M-8-PM MANUAL DE CONTROLE DE DISTURBIOS CIVIS DA POLÍCIA MILITAR. 4ª edição. Publicada anexo ao Bol G PM 203, de 26OUT11.

¹⁵ ROCHA, Abelardo; et. al. **Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo**. São Paulo: Suprema Cultura, 2007, p. 61.

páginas, mas também faz um verdadeiro escrutínio da vida de homens e mulheres – pessoas reais. Jesus foi, e ainda o é, um homem real. Por exemplo, como homem, tinha apetite e se alimentava como qualquer outro homem.¹⁶ Para Davidson, Jesus adotou a forma de servo, o que resultou em se tornar homem, tornando-se seu Ser na semelhança de homem [...] sendo reconhecido como verdadeiramente humano.¹⁷ Dessa forma, Deus mostrou em sua palavra à humanidade como verdadeiramente ela é; para tanto, usa de linguagem ligada à alimentação com frequência para demonstrar essas características.

C. S. Lewis foi mais contundente ao explicar isso, quando disse: Deus nunca quis que o homem fosse uma criatura meramente espiritual. É por isso que ele usa coisas materiais como pão e vinho para infundir-nos vida. Podemos achar que isso é um tanto grosseiro e não espiritual, mas Deus não pensa assim: ele inventou o comer. Gosta da matéria. Ele a inventou.¹⁸

Outro personagem bíblico de muita relevância e que chegou ao extremo da ansiedade, cogitando, inclusive, dar cabo à própria vida, foi Jonas, o evangelista a contragosto.

1.2 JONAS E O EXTREMO DA ANSIEDADE

O famoso profeta, mais conhecido nos contos infantis como o profeta fujão que foi engolido por uma “baleia”, acabou, redundâncias à parte, no final do livro que leva seu nome, registrando a ansiedade que lhe consumia o coração. Chegou ao ponto de pedir a Deus uma espécie de autorização para morrer. Ele disse: Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver.¹⁹

O profeta, ansioso que estava, não somente fez aquela declaração de maneira isolada, mas a reiterou, deixando clara sua posição de contrariedade com os fatos a que estava envolvido. Ele literalmente se irou com a decisão divina de salvar um povo que era declaradamente um inimigo seu, e não era para menos - para André, os assírios que viviam naquela cidade eram os piores terroristas daquela época e odiavam Israel.²⁰

¹⁶ Cf. Mateus 4.1-2.

¹⁷ DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida, 1954, p. 1277.

¹⁸ LEWIS, C. S. *apud* DOWNING, David C. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. São Paulo: Vida, 2006, p. 171.

¹⁹ Cf. Jonas 4.3.

²⁰ ANDRÉ, Irmão. **Operação Nínive**: 39 dias com Jonas. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2011, p. 7.

Buscar um objetivo e se esforçar por uma coisa seguindo firmemente em sua direção e, no entanto, observar que as coisas caminham em sentido completamente oposto, contra a vontade da pessoa, tem de fato o potencial de deixar qualquer um ansioso. Dá para imaginar o sentimento dele de ter que levar ajuda e salvação a um povo cruel e destrutivo, sem que quisesse deliberadamente fazer aquilo. Com Jonas, aparentemente, foi exatamente aquilo que aconteceu.²¹ André afirmou:

Tente compreender o problema de Jonas: ele tinha de ir pregar para os inimigos do seu povo. Os assírios faziam saques no norte de Israel, onde Jonas vivia. É praticamente certo que eles atacaram sua cidade natal, *Gath-hepher*. Talvez os assírios tenham matado a mãe e o pai de Jonas. É possível que ele tenha testemunhado os soldados violentando suas irmãs. Se esse fosse o caso, nós poderíamos claramente entender por que Jonas odiava tanto ter de cumprir essa missão. [...] Entretanto, Jonas também deve ter ficado feliz ao saber que a maldade de Nínive chamou a atenção de Deus. Ele acreditava que os assírios deveriam ser julgados por sua brutalidade. A solução era: ir até eles e... matá-los!²²

O autor encerrou seu raciocínio concluindo que o que fez Jonas entrar em uma espiral emocional profunda foi exatamente sua intenção não estar convergindo com a vontade divina. Deus tinha uma mensagem diferente: ir até eles e... GANHÁ-LOS para Ele! O escritor estava certo quando afirmou que Deus tem uma solução para todos os problemas, enquanto Jonas tinha um problema para todas as soluções.²³ É o que ocorre, por exemplo, com quem passa por crises de ansiedade, pois coloca seus problemas sob lentes de aumento.

Assim sendo, os sintomas apresentados pelo profeta podem ser classificados modernamente como sendo uma síndrome depressiva, pois, do ponto de vista psicopatológico, as síndromes depressivas têm como elementos mais salientes

²¹ Uma vez que rejeitava os gentios e se ressentia do fato de eles também poderem ser salvos, Jonas se desgostou com a demonstração de misericórdia divina pelos ninivitas e, com isso, deixou transparecer o motivo real de sua fuga para Társis. Desde o princípio, o profeta havia entendido claramente o caráter bondoso de Deus (cf. 1Tm. 2.4; 2Pe. 3.9). Havia recebido o perdão, mas não desejava que Nínive conhecesse a misericórdia de Deus (**MACARTHUR, Bíblia de Estudo**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 1131).

²² ANDRÉ, 2011, p. 13.

²³ ANDRÉ, 2011, p. 100.

o humor triste e o desânimo.²⁴ Ou como bem resumiu o poeta Fagundes Varela: *Porém minha alma triste e sem um sonho, murmura olhando o prado, o rio, a espuma: Como isto é pobre, insípido, enfadonho!*²⁵ Muito se parece com o que Jonas demonstrava sentir.

Outro caso que apresentou emoções semelhantes, embora em contexto bastante diferente, foi o de um profeta único quanto à forma de enxergar e experimentar a ação divina em sua vida e na de outras pessoas por meio dela. Seu nome hebraico é *Aliyyáh* ou *Elijah*, que significa “O Senhor é meu Deus”.

1.3 ELIAS E SEU DESEJO DE MORRER

Esse profeta, tão usado por Deus para trazer justiça e levar a mensagem dele ao mundo, apresentou um profundo sentimento de tristeza certa vez. Tão profundo ao ponto de desejar a morte. Demonstrava estar acometido do que a ciência chama de sentimentos da esfera da tristeza, que podem ser: melancolia, tristeza, saudade, nostalgia, vergonha, impotência, aflição, culpa, remorso, autodepreciação, autopiedade, sentimento de inferioridade, infelicidade, tédio, desesperança etc.²⁶

Elias era um homem que vivia em solidão, sendo que essa emoção engloba todas as áreas de sua vida e ministério. Sente-se só e na iminência de ser morto, como uma verdadeira mania de perseguição ou síndrome do pânico. Gardner afirmou, sobre o confronto entre o profeta e a impiedade de sua época, que a experiência, entretanto, poderia apenas aumentar o sentimento de solidão que Elias sentia. Esteve escondido por dois anos, sem nenhuma outra companhia, a não ser a de uma viúva e seu filho (1 Rs 17.1-24). Ainda que tivesse notícia de outros profetas de *Yahweh* (1 Rs 18.13), estavam todos escondidos e não lhe deram nenhum apoio.²⁷

Ao ser avisado que a rainha Jezabel lhe jurara de morte, sua tristeza alcançou ares máximos de gravidade, que ele se isolou, chegou a pedir pela morte: Ele, porém, foi ao deserto, caminho de um dia, e foi sentar-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora

²⁴ DEL PINO, C. C. **Teoría de los sentimientos**. Barcelona: Fabula TusQuets, 2003. In DALGALARRONDO, 2008, p. 307.

²⁵ DALGALARRONDO, 2008, p. 307.

²⁶ DALGALARRONDO, 2008, p. 157.

²⁷ GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 167.

a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais.²⁸ Ali ele só encontrou “forças” para dormir e mais nada. Suas esperanças acabaram por completo.²⁹ O psicólogo da Secretaria de Saúde de Laranjeiras do Sul (Semusa), Fernando José Barcelos, definiu bem aqueles sintomas experimentados por Elias.

Os sintomas da depressão são muito variados, indo desde as sensações de tristeza, passando pelos pensamentos negativos até as alterações da sensação corporal como dores e enjôos. Contudo para se fazer o diagnóstico é necessário um grupo de sintomas centrais: perda de energia ou do interesse, humor deprimido, dificuldade de concentração, alterações do apetite e do sono, dificuldade em realizar atividades físicas e mentais, sentimento de fracasso.³⁰

Certa vez, testemunhando sobre o sentimento que nutria naquele momento da vida, um internauta anônimo comentou abaixo das declarações daquele psicólogo, em 30 de março de 2014, às 15h34, qual era a definição de depressão sob a óptica daquilo que experimentava em sua vida. Assim ele escreveu:

A depressão machuca demais e as pessoas por mais que digam que entendem, não conseguem; não as culpo por isso, mas elas querem que eu faça uma mágica e saia disso; se eu soubesse como me livrar desse mal eu já teria feito. Penso no suicídio, mas temo a Deus, pois ele me deu a vida. Não sei como tem pessoas que dizem que isso é frescura. Cada dia eu me sinto como se tivesse matando um leão por dia. Sinto muito por mim e pelas pessoas que sofrem desse mal. Que Deus tenha misericórdia de todos nós.

Não restam dúvidas quanto à nocividade deste sentimento patológico. Um homem, no entanto, que pode ser visto em várias de suas virtudes e defeitos humanos é, sem sombra de dúvidas, o apóstolo Paulo. Dentre suas características, a ansiedade merece destaque.

²⁸ Cf. 1 Reis 19.4.

²⁹ Finda sua esperança, Elias fugiu como um profeta, abatido pelas ameaças de Jezabel (v.2), o baalinismo sem arrependimento dela e contínuo poder dela sobre Israel. Elias esperava que Jezabel se rendesse; quando ela não capitulou, ele se tornou um homem desanimado (vs. 4,10,14).

³⁰ Disponível em <http://www.queromorrer.com/2011/07/depressao-pode-levar-morte.html>. Acesso em 18 jan. 2018.

2. A ANSIEDADE PAULINA

Paulo, o último dos apóstolos a ser chamado por Jesus, foi um homem de antagonismos, como se nota por diversas vezes em seus escritos. Tudo começou em seu encontro com Jesus quando o zelador pelas tradições dos pais, de uma vez foi posto na defensiva e desafiado a dar uma razão da fé que estava nele e, em particular, do excesso de zelo que mostrava na perseguição dos seus santos.

Robertson concluiu que era deveras um choque alguém ter as suas crenças, das quais nunca duvidou, subitamente desafiadas, especialmente se eram apenas aceitas como verdadeiras, sem qualquer esforço para formular uma explicação delas.³¹

Quanto às ambiguidades, a título de exemplo, sua relação controversa com João Marcos salta aos olhos. Primeiramente, aquele jovem rapaz foi muito útil no ministério do apóstolo, especialmente no momento em que a igreja sofria grave perseguição enquanto atingia grande crescimento. Lucas relatou que a palavra de Deus crescia e se multiplicava. Barnabé e Saulo, havendo terminado aquele serviço, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos.³²

Tudo ia bem até que o jovem, por razões até então não comprovadas historicamente, desistisse de caminhar com eles. Paulo não aceitou aquela atitude e, quando o assunto entrou em discussão entre ele e Barnabé, a demanda atingiu um nível indesejado de estresse. Lucas relatou:

Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a Palavra do Senhor, para ver como estão indo”. Barnabé queria levar João, também chamado Marcos. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé, levando consigo Marcos navegou para Chipre. Mas Paulo escolheu Silas e partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor.³³

Parece que foi muito dura aquela censura provocada por Paulo ao seu leal

³¹ ROBERTSON, Archibald Thomas. **Épocas na vida de Paulo**: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 52.

³² Cf. Atos 12.24-25.

³³ Cf. Atos 15.36-40.

amigo de viagens evangelísticas. Todavia, até mesmo numa ação humana eivada de emoções conflitantes, Deus age soberanamente, dando propósitos eternos aos atos praticados. Davidson captou bem essa verdade ao demonstrar que houve tal desavença, literalmente, houve tal atrito (gr. **paraxysmos**) sendo ocioso censurar um ou outro apóstolo; o progresso posterior de Marcos provou que Barnabé tivera razão por seu lado, mas provavelmente Marcos não teria progredido assim na companhia de Paulo.³⁴

Nos últimos momentos de vida, Paulo precisou de Marcos e não teve receio ou vergonha de pedir a presença dele em Roma. A despeito das dúvidas e acusações que fez outrora sobre o chamado ministerial do discípulo, agora Paulo exalta Marcos como útil para o ministério, conforme ele mesmo citou em Colossenses 4.10. Talvez sentisse falta dele para propagar o evangelho ou simplesmente ajudar o apóstolo em algumas de suas necessidades pessoais. Davidson sugeriu que Marcos poderia, enfim, tomar o lugar dele e agir como seu representante.³⁵ Que mudança radical de postura!³⁶

Quanto à vida eterna com Deus ou à vida terrena servindo aos seus filhos na fé, Paulo certa vez demonstrou ambiguidade de sentimentos ao dizer que de ambos os lados estava em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgava mais necessário, por amor dos Filipenses, ficar na carne.³⁷ Mais uma vez ele vivia uma ansiedade latente, porém não doentia e que lhe fizesse algum mal. A palavra por ele usada naquela declaração foi o verbo grego **synechomai**³⁸, o que demonstra exatamente quais eram as emoções que sentia.

No entanto, um aspecto da doutrina paulina que ressalta bem a argumentação por ele apresentada, foi a recomendação em forma de ordem quanto a fugir da ansiedade.

³⁴ DAVIDSON, 1954, p. 1128.

³⁵ Cf. Efésios 6.21-22; Colossenses 6.7-8; Tito 3.12.

³⁶ DAVIDSON, 1954, p. 1332.

³⁷ Cf. Filipenses 1.23-24.

³⁸ O verbo é **synechomai**, que significa ser constringido ou pressionado. Ele é encontrado também em Lucas 12.50; Atos 18.5 e 2 Coríntios 5.14. Duas forças poderosas agiam nele, tornando-o imóvel em ambas as direções. Pessoalmente todo o seu coração se inclinava para estar com Cristo, na felicidade de uma vida eterna perfeita; mas, ao mesmo tempo, a necessidade urgente de seus filhos na fé prendia-o à vida terrena e ao privilégio de seu trabalho.

2.1 UM ANSIOSO RECOMENDA: NÃO ANDEIS ANSIOSOS!

Destarte, o que chama mesmo a atenção quanto ao assunto em análise, foi o grande antagonismo paulino de aconselhar, na verdade determinar imperativamente para que nenhum de seus leitores ficasse ansioso. Ele ainda complementou o aviso, dizendo por quais coisas não deveriam ficar assim, bem como apresentou a solução proativa e preventiva para não caírem nas garras daquele mal.

Paulo, devidamente inspirado por Deus, aconselhou seus leitores e filhos na fé a não andarem ansiosos por coisa nenhuma.³⁹ E na sequência do texto, ele ainda prescreveu a medicação adequada para evitar ser acometido deste mal, ou pelo menos mitigar-lhe os efeitos: oração, súplica e ações de graças. De acordo com Davidson, não se trata de uma oração qualquer, mas “aquilo que eu preciso pedir”, é uma súplica definida.⁴⁰

Ele pessoalmente sentiu isso quando pediu, insistentemente, a Deus que lhe livrasse do que chamou de “espinho na carne”. A resposta divina encerrou seus clamores e petições neste sentido: “**a minha graça te basta**, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Assim sendo, o apóstolo só pôde concluir: de boa vontade, pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo.⁴¹

Parece mesmo que o apóstolo foi um homem ansioso, contudo, na boa acepção da palavra. Ansiedade pode ser um potencial motivador na vida de uma pessoa, e a vida sem motivação, como poetizou Noélio Duarte, nada mais é do que um deserto árido e, por isso, desinteressante.⁴² Se tem uma coisa que a vida de Paulo não foi, é desinteressante! Não mesmo. Ele precisou de muita motivação para cumprir seu chamado.

Ele detinha um sentimento nostálgico, uma saudade transbordante da pátria celestial, uma felicidade contagiante por desejar a volta para a casa do pai, para o céu, desta vez, por toda a eternidade. Ele ansiava por isso, como se já tivesse estado lá antes, notadamente quando aconselhou a igreja em Filipos: Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o

³⁹ Cf. Filipenses 4.6.

⁴⁰ DAVIDSON, 1954, p. 1274.

⁴¹ Cf. 2 Coríntios 12.9-10.

⁴² DUARTE, Noélio. **O incrível poder da motivação**: as fábulas como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e profissional. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 15.

Senhor Jesus Cristo.⁴³

Em outra oportunidade, tratando de suas visões e revelações, Paulo afirmou, humildemente e receoso de parecer soberbo em suas palavras, que conhecia um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu.⁴⁴ A respeito dessa declaração enigmática, Davidson explicou pormenorizadamente:

Nesta conexão, a entender-se que as palavras **conheço um homem em Cristo** se referem de fato a ele próprio, o apóstolo torna-se reticente e dá a experiência como não tendo sido sua. A natureza desta fica além do que nos é comum, e temos de aceitá-la como nos é narrada aí, sem tentar explicá-la ou procurar um caso que lhe seja paralelo. Terceiro céu, isto é, o lugar onde Deus habita. Primeiro céu dizia-se da atmosfera onde voam as aves. O segundo era a região do sol, da lua e das estrelas.⁴⁵

Merece observação também outra declaração paulina, ainda considerada enigmática por muitos teólogos modernos, quando disse que existem aflições de Cristo que precisam ser completadas. Ele estava ansioso não só por cumpri-las, mas também por motivar seus seguidores a adotarem o mesmo procedimento. À igreja em Colossos, Paulo declarou apaixonadamente: Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja.⁴⁶

John Piper, no intuito de interpretar corretamente esta afirmação bíblica, disse que aquela maneira de falar pode aproximar demais nosso sofrimento do sofrimento de Cristo – como se fôssemos irmãos redentores. Existe só um Redentor. Só uma morte expia o pecado – a morte de Cristo.⁴⁷

Assim sendo, o brilhante pastor e escritor propôs um real significado para o texto, afirmando que, em seu sofrimento, Paulo “complet[a] [...] o que resta das aflições de Cristo em favor d[a] [...] igreja”. Qual o sentido disso? É que o sofrimento de Paulo completa as aflições de Cristo, não acrescentando nenhum valor a elas, mas estendendo-as aos povos que se pretendia que elas salvassem.⁴⁸ Paulo apresentou outro desejo, no mínimo, assustador.

⁴³ Cf. Filipenses 3.20.

⁴⁴ Cf. 2 Coríntios 12.2.

⁴⁵ DAVIDSON, 1954, p. 1227.

⁴⁶ Cf. Colossenses 1.24.

⁴⁷ PIPER, John. **Completando as aflições de Cristo**. São Paulo: Shedd, 2010, p. 23.

⁴⁸ O que “resta das aflições de Cristo” não é valor, como se elas pudessem não ser suficientes

2.2 PAULO E O PENSAMENTO DE MORTE

Meses depois de sua prisão e durante o processo de julgamento que incluía ser interrogado por várias autoridades, Paulo, depois de ser humilhado e agredido fisicamente, demonstrou falta de esperança de que pudesse ir a Roma, como era o desejo de seu coração. Ele havia feito planos não só de visitar a capital italiana, mas também prosseguir até a Europa, chegando a Espanha e depois de lá retornando a Roma. No entanto, esse objetivo começou a parecer distante, deveras uma utopia, e isso, é claro, o entristeceu bastante.

A narrativa lucana contida em Atos mostrou textualmente que ele estava prestes a desistir de tudo, a ponto de Deus mesmo lhe aparecer para consolá-lo pessoalmente e assim encorajá-lo a prosseguir em sua missão. O Senhor apareceu a ele por pelo menos cinco oportunidades em forma de visões, mas desta vez disse-lhe imperativamente: Coragem!⁴⁹ Deus confirmou ali que os desejos de ambos os seus corações estavam alinhados e convergentes e Paulo iria, sim, a Roma, pois o Senhor o queria naquele lugar, para depois, morrer lá.

Macarthur ressaltou que aquela visão, como também as demais, sempre ocorreram em momentos cruciais do ministério paulino. Todavia, desta vez, Jesus encorajou Paulo, dizendo-lhe que o seu desejo (Rm 1.9-11; 15.23) de visitar Roma lhe seria concedido.⁵⁰ Não era essa a primeira vez que Paulo enfrentara lutas ferrenhas em sua alma, e certamente não seria a última.

A morte cruel de Estêvão, ordenada e assistida por ele, deve ter mexido com seu espírito. No dizer de Robertson, uma tempestade lhe sobreviera e não havia razão de argumentar contra a tormenta. Clareia-se a questão um pouco pelas palavras de Jesus a respeito de Saulo, de que era duro para ele “recalcitrar contra os aguilhões” (At 26.14). Elas sugerem uma luta na alma de Saulo que, havia muito tempo, vinha crescendo.⁵¹

Em Trôade, quando tentou encontrar-se com Tito, a quem ansiava ver para

para cobrir os pecados de todos que creem. O que “resta” é que o infinito valor das aflições de Cristo não é conhecido do mundo nem confiado a este. Essas aflições e o que elas representam ainda estão veladas para a maioria das pessoas. E a intenção de Deus é que o mistério seja revelado a todas as nações. Portanto, “resta das aflições de Cristo” tem o sentido de que elas não são conhecidas, nem vistas, nem amadas entre as nações. Elas devem ser carregadas pelos missionários. E esses missionários “complet[am]” o que resta das aflições de Cristo estendendo-as aos outros (PIPER, 2010, p. 23).

⁴⁹ Cf. Atos 23.11.

⁵⁰ MACARTHUR, 2010, p. 1478.

⁵¹ ROBERTSON, 1987, p. 55.

saber como ele estava, Paulo demonstrou uma perplexidade muito grande ao não lhe encontrar, chegando a ficar com seu espírito abatido, especialmente em virtude da fraqueza física que sentia, ao ponto de não lhe permitir suportar com facilidade aquele desapontamento. O relato bíblico mostrou que o apóstolo se sentia apertado de todos os lados, perplexo, perseguido, derrotado, sempre entregue à morte por amor de Jesus.⁵² Pode ter chegado a duvidar se tudo aquilo que passava, valeria mesmo a pena.⁵³

Paulo chegou a ver a morte face a face, levando-o a enfrentar uma crise da alma.⁵⁴ Desta forma, certamente, o que mais se destaca quando o apóstolo, direta ou indiretamente, suscitou a possibilidade e desejo de morrer, é o motivo intrínseco a esse sentimento, ou seja, o que estava por detrás dele. Uma patologia ou uma motivação regada à nostalgia?

3. A NOSTALGIA DA ALMA

Parece que, de alguma forma, Deus é inesquecível para a alma humana, como se, de algum jeito, as pessoas sentissem uma constante saudade Dele. É algo como se a alma humana não pertencesse a este mundo e, por isso, está aqui somente de passagem, esperando o momento de voltar para casa, uma morada eterna e infinitamente melhor, incomparável a esta terra que está delimitada pelos anos. É o que a ciência moderna tem chamado de capacidade de crer:

O pesquisador sênior do Centro de Antropologia e da Mente do Instituto para Cognição e Antropologia Evolucionária na Universidade de Oxford Justin L. Barrett, divulgou uma pesquisa recentemente muito interessante, ele descobriu que o ser humano nasce com a capacidade de crer. Ele sugere que “a crença em Deus é uma consequência quase inevitável do tipo de mentes que temos. A maioria do que acreditamos vem de ferramentas mentais trabalhando abaixo da nossa consciência. E o que nós acreditamos conscientemente é em grande parte impulsionado por essas crenças inconscientes”, e “que as crenças em deuses combinam bem com estas suposições automáticas; crenças em um onisciente, todo poderoso

⁵² Cf. 2 Coríntios 2.13 e 4.8-11 respectivamente.

⁵³ ROBERTSON, 1987, p. 185.

⁵⁴ SABATIER, *The Apostle Paul*, p. 179.

Deus iguala-se ainda melhor”.⁵⁵

Corroborando esse raciocínio, em importante entrevista para a revista *Época*, Andrew Newberg, neurocientista da Universidade da Pensilvânia, afirmou que a fé parece estar programada em nosso cérebro, fazendo menção à famosa afirmação de Charles Darwin, um confrontador convicto, que mesmo assim asseverou certa vez sobre a formação do homem: “uma crença em agentes espirituais onipresentes parece ser universal. Pois parece que somos predispostos biologicamente a ter crenças, entre elas a religiosa”.⁵⁶

De acordo com a filosofia, especialmente entre renomados filósofos cristãos, parece existir um vazio dentro de cada ser humano. Blaise Pascal, importante expoente nesta área, disse certa vez, na sua obra intitulada de “Pensamentos”, que:

Houve, outrora, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe restam, agora, a marca e o traço todo vazio, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando das coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, mas que são todas incapazes disso, porque esse abismo infinito só pode ficar cheio de um objeto infinito e imutável, isto é, o próprio Deus.⁵⁷

Deveras, não se pode lançar mão desta definição para reduzir Deus ao tamanho das necessidades humanas, uma vez que Ele, possuidor de atributos fundamentais, é onipresente, logo não tem um tamanho definido. Ele é tão grande que não pode ser limitado para caber em espaços humanamente criados ou pensados; no entanto, a necessidade humana, essa sim, pode ser preenchida somente por Ele. Entretanto, é na teologia que este sentimento inexplicável encontra melhor significado. Agostinho de Hipona, certamente o mais importante teólogo depois do apóstolo Paulo, fez uma afirmação bastante

⁵⁵ *Why Would Anyone Believe In God?* (“Por que alguém acreditaria em Deus?”) – Justin L. Barrett.

⁵⁶ A capacidade inata de procurar a explicação de um fenômeno é uma das diferenças entre o ser humano e outros animais. O homem primitivo não tinha como entender eventos mais complexos, como a erupção de um vulcão, um eclipse ou um raio. A busca de explicações sobrenaturais pode ser considerada natural. Mas por que ela desembocou na fé e no surgimento das religiões? Cientistas de diferentes áreas se debruçaram sobre a questão nos últimos anos e chegaram a conclusões surpreendentes. Não só a fé parece estar programada em nosso cérebro, como teria benefícios para a saúde. Novos estudos mostram que o cérebro é “programado” para acreditar em Deus – e que isso nos ajuda a viver mais e melhor. Revista *Época* de 21/março/2009 por Leticia Sorg com colaboração de Marcela Buscato. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT64993-15224-64993-3934,00.html>. Acesso em 12 jan. 2018.

⁵⁷ Disponível em <http://abraaporta.com.br/um-vazio-do-tamanho-de-deus/> Acesso em 12 jan. 2018.

pertinente a esse respeito. Em suas confissões, ele escreveu que Deus mesmo incita o homem para que sinta prazer em louvá-lo. Ele afirmou: Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti.⁵⁸

O escritor e teólogo Elben César, recentemente falecido, afirmou certa vez, em um dos seus artigos, que essa saudade de Deus não é algo tão misterioso assim. Tem uma explicação racional e plausível. Ele disse:

Deus é inesquecível. Mesmo que se faça um grande esforço para retirá-lo da memória, ninguém o consegue por completo [...]. De Deus não se tem apenas uma memória obrigatória e fria, uma memória filosófica e metafísica. Existe uma espécie de saudade de Deus, que nada mais é do que uma lembrança nostálgica, remota, imprecisa, às vezes incômoda e, ao mesmo tempo, gostosa, edificante e atrativa [...]. A memória inapagável de Deus e a saudade insistente de Deus produzem um anseio muito forte por ele, que metaforicamente se chama de “sede de Deus”.⁵⁹

Parece que a humanidade sempre buscou uma resposta para este sentimento saudosista da alma. Alguns movimentos religiosos buscam no equilíbrio a resposta para esta questão, outros a procuram por meio da meditação. Algumas denominações religiosas, notadamente as cristãs, fabricam imagens de pessoas, animais ou coisas para, de certa forma, materializar a saudade inexplicável que sentem, muitas destas imagens são de seres a quem nunca viram e outros que sequer existiram.

Entre tantas nações e povos, que nunca ouviram falar de Jesus Cristo e muito menos do livro sagrado que o revela – a Bíblia Sagrada, todas parecem ligar-se ao eterno de uma forma ou de outra. Isso demonstra que a alma humana, de alguma forma, clama pelo seu criador, ou melhor, sente uma atração inconsciente e irresistível pela eternidade. Crer ou negar a existência divina demonstra esse mesmo sentimento.

Angela Natel fez uma importante análise da obra *O Fator Melquisedeque*, de Don Richardson, e registrou que não se encontra registro em qualquer estudo por parte da História, Antropologia, Sociologia ou qualquer outra “ciência” social, em qualquer época, que não tenha professado algum tipo de crença religiosa. As religiões são, então, um fenômeno inerente à cultura

⁵⁸ Disponível em https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_confissoes.pdf Acesso em 12 jan. 2018.

⁵⁹ CÉSAR, Elben. **Revista Ultimato**. Edição Novembro/Dezembro 2017.

humana, assim como as artes e as técnicas. Além disso, elas têm muitos pontos coincidentes.⁶⁰

Segundo Helena Blavatsky, todas as religiões e filosofias concordam em sua essência, diferindo apenas na “vestimenta”, pois todas foram inspiradas no que ela chamou de “Religião -Verdade”.⁶¹

Isso pode explicar o sentimento de nostalgia da alma humana e, especialmente, os sentimentos expressos por Paulo em seus muitos escritos. De fato, aquele homem de Deus não só foi acometido pelo sentimento de ansiedade, mas também o expressou com franqueza aos seus leitores, verdadeiros irmãos que serviam de motivação para o prosseguimento de sua carreira evangelística. Ele sabia quem era e, acima de tudo, em quem ele cria.⁶² Como afirmou o palestrante motivacional Dr. Zig Ziglar certa vez:

Você é o que é, está onde está e fazendo o que faz por causa dos pensamentos que “voluntariamente” colocou em sua cabeça e que conduziram você até aí. Mas você pode mudar o que é, onde está e o que faz mudando esses pensamentos, dando-lhes forma construtiva. Pense nisso e desenvolva uma atitude positiva e desafiadora, porque a vida é realmente bela e todas as pessoas podem se tornar vitoriosas.⁶³

Essa ansiedade sentida por Paulo, por diversos personagens bíblicos e por tantos outros cristãos ao longo da história humana, pode sim ser considerada como a que agrada a Deus. A poesia sacra, especialmente a contida nos Salmos, é bem clara neste sentido. O de número 42 é uma verdadeira declaração de santa ansiedade: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus”. E usa fartamente de termos como sede, lágrimas e choro, perguntas, saudade, tristeza e inclusive uma declaração profunda: “A minha alma está profundamente triste, de saudade de Deus, é claro”.⁶⁴

No de número 63, a riqueza de detalhes sobre a boa ansiedade são

⁶⁰ Disponível em http://www.academia.edu/5160978/AN%C3%81LISE_DA_OBRA_O_FATOR_MELQUISEDEQUE_O_testemunho_de_Deus_nas_culturas_atrav%C3%A9s_do_mundo_de_Don_Richardson Acesso em 18 jan. 2018.

⁶¹ Este é o lema da Sociedade Teosófica (S.T.), o qual foi traduzido do sânscrito – *Satyam nasti para Dharmah*. A palavra *Dharma* foi traduzida como religião, mas também significa, entre outras coisas, doutrina, lei, dever, direito, justiça, virtude. Portanto, em sentido amplo, o lema da S.T. afirma que não há dever ou doutrina superior à Verdade.

⁶² Cf. 2 Timóteo 1.12.

⁶³ ZIGLAR, Zig. **Além do topo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

⁶⁴ Cf. Salmo 42.1,6.

impressionantes. O salmista declarou: Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água. E chega ao ponto de alegar que o amor de Deus é melhor do que a própria vida.⁶⁵

Por fim e não menos importante, o Salmo de número 130, demonstra por si só e com muita cristalinidade o que realmente significa esse sentimento diante de Deus:

Das profundezas clamo a ti, Senhor;
Ouve, Senhor, a minha voz! Estejam atentos os teus ouvidos às minhas súplicas!
Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia?
Mas contigo está o perdão para que sejas temido.
Espero no Senhor com todo o meu ser, e na sua palavra ponho a minha esperança.
Espero pelo Senhor mais do que as sentinelas pela manhã;
sim, mais do que as sentinelas esperam pela manhã!⁶⁶

Nota-se que Deus se agradou da ansiedade sentida por seu povo, sempre que esta foi voltada para Ele e não para razões mesquinhas ou destrutivas. Deve-se fazer coro com Noélio Duarte quando afirmou que o ser humano é fantástico! É uma criatura autoprogramável, e sua mais alta função é programar os outros e a si mesmo. Foi dotado de sementes de grandeza e, por isso, pode sobreviver até mesmo nas condições mais adversas: depende de sua capacidade de se ajustar e ter o pensamento no foco correto.⁶⁷

É verdade – o ser humano é fantástico. E Deus? Deus é mesmo inesquecível! Que saudade dele Paulo sentia, mas agora, não mais!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perscrutar a alma humana, o subjetivismo das pessoas e seus sentimentos e emoções mais íntimas é tarefa que intriga e motiva a sociedade, especialmente nas gerações mais modernas. Muitas são as virtudes encontradas neste mister, bem como muitos males podem ser encontrados quanto se mergulha fundo neste estudo. O ser humano é de fato muito complexo. Deus o criou assim por motivos bastante especiais.

⁶⁵ Cf. Salmo 63.1,3.

⁶⁶ Cf. Salmo 130.1-6.

⁶⁷ DUARTE, 2007, p. 17.

Muitos homens e mulheres experimentaram a ansiedade como um desejo de trazer as coisas futuras, as que ainda iriam acontecer, para o presente. Como tal coisa não é possível, por vezes essa patologia acaba sendo desenvolvida. Paulo a experimentou algumas vezes e fez questão de registrá-la juntamente com Lucas, para que se tornasse conhecida das pessoas e quem sabe, servir de consolo e profilaxia aos seus leitores.

Ansiedade pode se transformar em doença ou síndrome e, seja como for, se não tratada corretamente, pode evoluir para quadros graves levando a pessoa à morte, por vezes, levada a termo por meio do suicídio. Todavia, existe uma ansiedade boa, agradável e que, portanto, agrada a Deus. Paulo demonstrou isso quando desejou ardentemente sua morada eterna com o Pai. A poesia bíblica registrou relatos e vontades de pessoas que, da mesma forma, exaltaram o desejo irresistível por Deus, para assim completar o vazio que sentiam. Só Ele mesmo seria capaz de sanar isso.

A ansiedade marca um momento difícil na vida de cada um que é acometido por ela, algumas vezes, de tão difícil, torna-se insuportável para alguns. Por outro lado, ela pode ser encarada como uma provação, contanto que seja voltada para Deus, como foi o caso do apóstolo aos gentios. Paulo experimentou como poucos o que se chama de tempos difíceis, e isso foi para ele, como que experiências fantásticas de crescimento.

Um autor desconhecido disse certa vez: Tempos difíceis criam homens fortes. Homens fortes criam tempos fáceis. Tempos fáceis criam homens fracos. Homens fracos criam tempos difíceis. Passar pela ansiedade ou até mesmo pela depressão e vencê-las, pode ser o diferencial na vida. Pelo menos o foi para tantos homens narrados na Bíblia e, especialmente, para o notável apóstolo Paulo – um homem ansioso, mas que agradava a Deus.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Irmão. **Operação Nínive**: 39 dias com Jonas. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2011.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida, 1954.
DUARTE, Noélio. **O incrível poder da motivação: as fábulas como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e profissional**. São Paulo: Hagnos, 2007.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

LEWIS, C. S. apud DOWNING, David C. C. S. **Lewis: o mais relutante dos convertidos**. São Paulo: Vida, 2006.

MACARTHUR, **Bíblia de Estudo**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

McGAUCH, J. L.; WEINBERGER, N. M.; WHALEN, R. E. **Psicobiologia: as bases biológicas do comportamento**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

PALHARES, Alfredo. **Suores Mórbidos**. Famalicão: Typographia Minerva da Escola Médico Cirúrgica do Porto, 1903.

PIPER, John. **Completando as aflições de Cristo**. São Paulo: Shedd, 2010.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

ROCHA, Abelardo; et. al. **Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo**. São Paulo: Suprema Cultura, 2007.

SELYE, H. **Stress without distress**. Philadelphia: JB Lippincott, 1974.

ZIGLAR, Zig. **Além do topo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional